



Educar meninas reduz pobreza

Pesquisas mostram que mulher educada cria os filhos com mais cuidado, controla melhor a natalidade, reduzindo a mortalidade infantil

Eduque um menino, e você terá uma pessoa educada. Eduque uma menina, e você educará uma família inteira. Profissionais que estudam o desenvolvimento dos países em todo o mundo chegaram à mesma conclusão: mulheres que freqüentam a escola são o melhor método para lutar contra a pobreza, o subdesenvolvimento e, principalmente, o crescimento desordenado da população mundial, uma das maiores preocupações atuais.

Planejadores sociais em torno do mundo, que durante anos promoveram a educação como uma maneira efetiva de lutar contra a pobreza, agora se concentram em outro — menos óbvio — benefício: uma pequena dose de escola pode reduzir o crescimento da população mundial porque mesmo mães minimamente educadas são capazes de entender planejamento familiar. Ou seja: a escola é o melhor método de controle de natalidade.

Estudos usados por organismos internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) mostram que com apenas seis anos de estudo uma menina desenvolve suficiente conhecimento e independência para conhecer os problemas de ter muitos filhos. Nor-

malmente, a escola faz com que as mulheres casem mais tarde — o que, além de diminuir o número de filhos, ainda evita os riscos de gravidez na adolescência. Elas também passam a ter mais facilidade para aceitar e entender o uso de métodos anticoncepcionais.

Mulheres educadas, mostram as pesquisas, têm maior capacidade de se manter saudáveis durante a gravidez, reduzindo a mortalidade de mães e crianças. Elas também aprendem a criar filhos com mais cuidado, mais educados e mais saudáveis.

“A mulher é a responsável pelas condições de vida e pela educação da família. Se ela é educada, as condições da família melhoram”, afirma Ana Catarina Braga, oficial de projetos de educação da Unicef no Brasil.

PRIORIDADE

Guiados por estudos internacionais apoiando essa idéia, as Nações Unidas, o Banco Mundial, a Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional, governos das mais variadas tendências e grupos privados de ajuda internacional estão colocando como prioridade educar as meninas em países em desenvolvimento, onde o crescimento da população diminui os ganhos do rápi-

do crescimento econômico ocasionado por reformas econômicas.

A campanha para educar mais meninas, lançada em vários países pobres na década de 80, espalhou-se e começou a produzir alguns resultados positivos. Entre 1970 e 1992 a matrícula de meninas em países em desenvolvimento aumentou de 38% para 68%.

Uma reportagem feita na Índia — um dos países com maior diferença de matrícula entre meninos e meninas — e publicada no jornal americano *The Washington Post*, mostra a exata diferença que a escola pode fazer na cabeça das mulheres.

Ghisi, uma menina de 15 anos já casada, vibra por aprender a contar e ler a intrincada escrita hindu na escola noturna do estado de Rajasthan, um dos mais pobres da Índia. Mas, além de ler e contar, Ghisi aprendeu muito mais com a limitada educação que recebeu em três anos de duas horas de aula quase todas as noites.

“Minha mãe teve oito filhos. Eu não vou ter tantos”, diz. A mãe de Ghisi é analfabeta. “Porque nós éramos tantos, nós tínhamos menos comida, e roupas insuficientes. Se a minha sogra me dizer para ter quatro filhos, eu vou perguntar: por que quatro? Eu vou discutir com ela. Se eu tiver filhos, vou mandá-los para a escola durante o dia, para que eles possam estudar por mais tempo.”

As vantagens são fáceis de ser reconhecidas, mas a solução não é tão simples de ser aplicada. Existem

hoje no mundo mais de 130 milhões de crianças fora da escola. Destes, 73 milhões são meninas. Também dois terços dos cerca de 900 milhões de analfabetos do mundo são mulheres.

“A discriminação contra as meninas constitui o maior obstáculo ao cumprimento da meta do programa Educação para Todos”, constata o relatório do Unicef sobre a Situação Mundial da Infância, lançado este ano, que trata especificamente da educação.

PRECONCEITO

A principal razão para a diferença é o preconceito. Na maior parte dos países em que a matrícula de meninos supera em muito a de meninas, o obstáculo é de ordem cultural. Em muitos países mulheres não podem conviver na mesma sala com homens; precisam ficar em casa ajudando as mães com as tarefas domésticas; não devem aprender a ler.

Na Ásia Meridional — onde ficam Afeganistão, Bangladesh, Índia, Nepal — chega a haver 12 meninos para cada menina na escola. No Oriente Médio e no norte da África, os números são semelhantes: 11 por um.

A América Latina é a única região do mundo — além dos países industrializados — em que praticamente não há diferença entre o número de meninos e meninas na escola. No Brasil, não só há o mesmo número de mulheres, como elas estudam por mais tempo.

Até a 5ª série, as meninas são mi-

noria. Há mais meninos no início do período escolar. Na 1ª série, 54% dos matriculados são homens e 46% mulheres. A igualdade começa a aparecer na 6ª série. No 2º grau, as meninas já são maioria: 56% contra 44%. No ensino superior, a mesma coisa. Os dados aparecem no último Censo Escolar realizado pelo Instituto de Pesquisas em Educação (Inep), concluído em 1998 ano.

Outros dados mostram que entre os adultos há tantas mulheres que sabem ler quanto homens. Além disso, elas passam, em média, seis anos no colégio. Os homens estudam cerca de cinco anos e meio.

“O Brasil tem uma realidade diferente de outros países em desenvolvimento, em especial em relação à África, mas também melhor do que a média da América Latina”, diz Ana Catarina Braga. Um dos fatos citados pela Unicef para mostrar a supremacia da mulher na educação brasileira é o fato de 99% dos professores da educação primária (de 1ª a 4ª série) serem mulheres. Na África, por exemplo, 90% deles são homens.

No início da década de 60, a escolaridade dos brasileiros era muito menor, e as meninas saíam perdendo. Cada homem estudava cerca de 2,4 anos. As mulheres, 1,9 ano. Talvez essa fosse uma das razões para a alta mortalidade infantil: 177 por mil nascimentos. Hoje, este número caiu para 44. A taxa de fertilidade das mulheres era de 6,2 filhos. Atualmente está em 2,2.

CARTEIRAS RUINS

O material escolar do país está tendo sua qualidade questionada. O Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola) tem R\$ 28 milhões para usar na compra de carteiras, cadeiras e armários para escolas, e está tendo dificuldade para encontrar bom material. Testes feitos pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas



(IPT) da Universidade de São Paulo com carteiras e cadeiras de empresas de cinco estados mostraram que elas não resistiriam a crianças em idade escolar. As empresas são tradicionais fornecedoras do MEC e secretarias estaduais.

ENSINO MÉDIO

A secretaria de Ensino Médio está esperando que os estados terminem um levantamento do que vão precisar para fazer a reforma do 2º grau. O estudo levará em conta a necessidade de materiais, professores e escolas, e

faz parte do projeto de reforma do ensino médio que o segundo governo Fernando Henrique pretende levar a cabo. O estado que fizer seu dever de casa direitinho pode ser beneficiado com parte de um empréstimo de US\$ 500 milhões que o Ministério da Educação conseguiu com o Banco Mundial.

MENSALIDADES

País a procura de mensalidades mais baixas, mas preocupados em manter a qualidade de ensino para seus filhos estão fazendo crescer o número de

cooperativas de educação no país, uma alternativa à escola particular, cada vez mais cara. Nas cooperativas os pais se unem e dividem os custos da educação, que não precisa dar lucro. Segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras, nos últimos três anos essas instituições cresceram 77%. Hoje há 277 delas, contra 128 em 1995.

INGLÊS RUIM

Os americanos não são tão bons assim em inglês. Nem em matemática. Uma pesquisa feita em 22 campi da

Universidade da Califórnia, uma das melhores nos Estados Unidos, revelou que mais de dois terços dos alunos não têm noções básicas de inglês e matemática.

